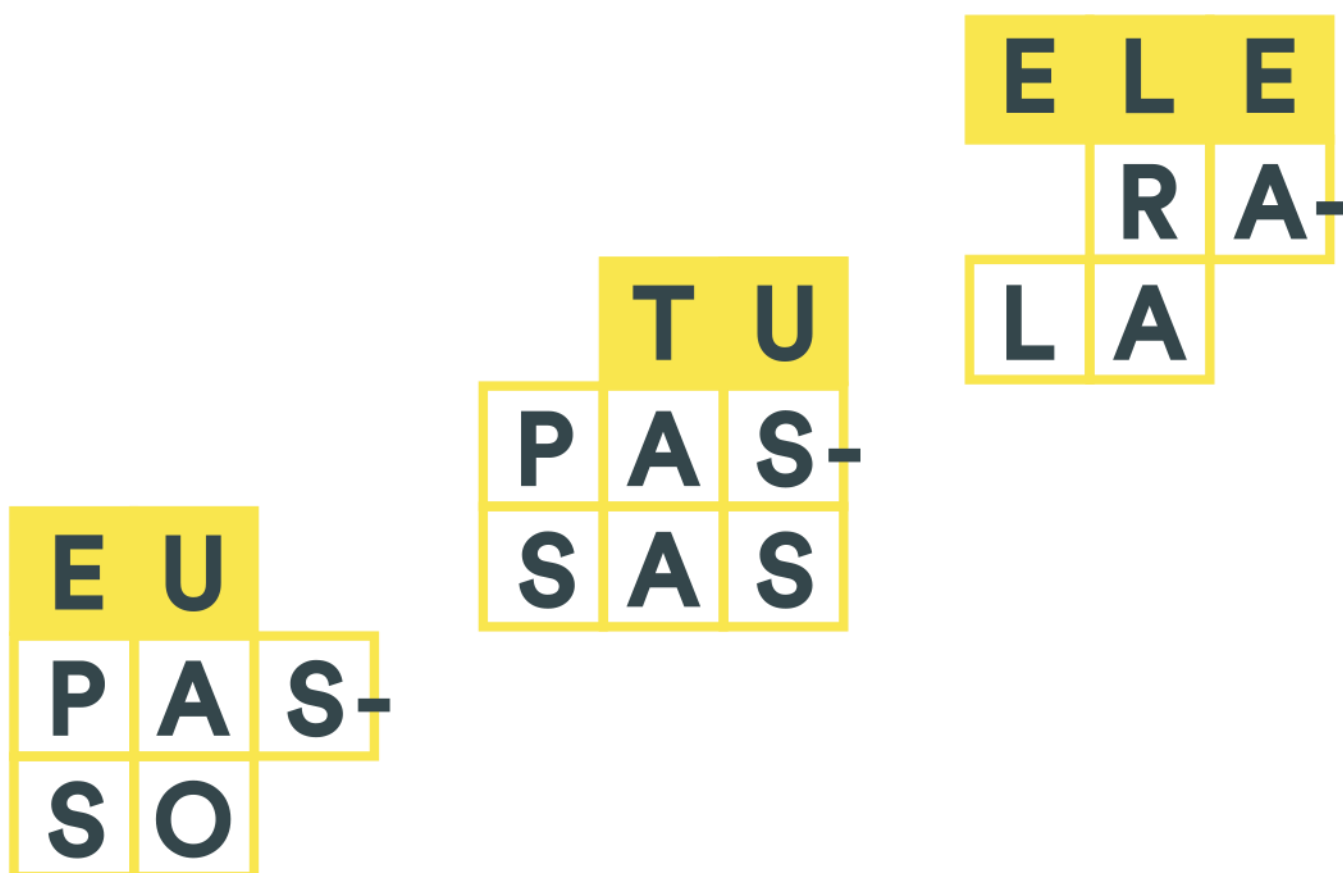


Classes Gramaticais – Palavras Variáveis (Adjetivo e Numeral)



Classes Gramaticais – Palavras Variáveis (Adjetivo e Numeral)

1. Marque o emprego incorreto do numeral:

- a) século III (três)
- b) página 102 (cento e dois)
- c) 80° (octogésimo)
- d) capítulo XI (onze)
- e) X tomo (décimo)

2. Uma campanha alegre, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado: Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela* que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão — os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País! Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais — os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! — os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem — os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio — a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País... Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas — pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa

constitucional do poder moderador... E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroadado de rosas, e num chouto** tão triunfante!

(*) Pela: bola.

(**) Chouto: trote miúdo.

(Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].)

Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

- a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
- b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
- c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
- d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
- e) ... aos quatro cantos de uma sala...

3. Futurolândia

George Jetson não poderia desejar TV mais bacana que esta. Chama-se Satellite, e foi criada pela empresa norte-americana Mercury. Possui monitor de 14 polegadas e repousa sobre uma esfera de alumínio polido. Os tubos de plástico ABS conduzem a fiação para duas esferas: na menor, vermelha, está instalado o alto-falante; e na maior, com um globo terrestre, fica o sensor do controle remoto. O resultado é absolutamente inovador.

(Carta Capital, São Paulo, 19 mar. 1997).

Quanto ao termo bacana:

- a) É um substantivo que indica qualidade positiva.
- b) É um adjetivo que indica qualidade positiva, pertencente à gíria brasileira.
- c) É gíria, usada sempre no sentido de grã-fino.
- d) Pertence à gíria americana e foi introduzido no Brasil na década de 50.
- e) É conotativo; no sentido denotativo significa festeiro.

4. O arrastão

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente

seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio. Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais. Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do script, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”. Ele está dizendo: seria uma morte anônima, aplainada pela surdez da praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos surrealistas), uma cena recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. Pois assim como Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Claudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Claudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik

Adaptado de oglobo.globo.com, 22/03/2014

No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos.

Essa reflexão está associada à seguinte ideia:

- a) o fato exige análise criteriosa
- b) o contexto constrói ambiguidade
- c) a linguagem se mostra insuficiente
- d) a violência pede descrição cuidadosa

- 5.** Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra “pobres” no trecho acima?

- a) humildes/modestos
- b) mendigos/sem recursos
- c) dignos de pena/improdutivos
- d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
- e) ingênuos/sem posses

- 6.** Depois da independência, se não antes, começamos a balbuciar a nossa literatura, pagamos, como era natural, o tributo à imitação, depois entramos a sentir em nós a alma brasileira, e a vazá-la nos escritos, com a linguagem que aprendemos de nossos pais. Prosseguimos na modesta senda, quando em Portugal principiou a cruzada contra a nossa embrionária e frágil literatura, a ponto de negar-se-lhe até uma individualidade própria. Não era generoso, e não era justo. Basta que a escola dos escritores portugueses, começando pelo príncipe dos seus prosadores, Alexandre Herculano, não se associou à ingrata propaganda. Ainda assim, não reagimos, e nem pensamos em retaliar. No Brasil também se cultivava a crítica; e desde remotas eras Aristarco mostrou que não há superioridade inacessível à censura. Todavia respeitávamos os representantes ilustres da literatura mãe. Enquanto em Portugal, sem darem-se ao trabalho sequer de ler-nos, acusavam-nos de abastardar a língua, e enxovalhar a gramática; nós, ao contrário, apreciando as melhores obras portuguesas, aprendíamos na diversidade dos costumes e da índole a formar essa literatura brasileira, cuja independência mais se pronuncia de ano em ano. É infantil; será incorreta; mas é nossa; é americana.

*ALENCAR, José de. O nosso cancioneiro. Apud
COUTINHO, A. Caminhos do pensamento crítico.
Rio de Janeiro /Brasília: Pallas/INL, 1980
p. 188-9*

Ao se referir à literatura portuguesa, no texto I, Alencar emprega o vocábulo "mãe". Por outro lado, referindo-se à nossa literatura, ele utiliza o verbo "balbuciar" e o adjetivo "embrionária". Transcreva integralmente o período em que Alencar emprega um adjetivo de sentido relacionado a "balbuciar" e "embrionária", para qualificar a literatura brasileira.

7. Observe a construção do texto a seguir:

“Nuvens brancas
Passam
Em brancas nuvens”

(LEMINSKI, Paulo. Caprichos & relaxos. São Paulo: Brasiliense, 1983.)

Analisando-se o texto acima, a afirmação descabida é:

- a) “nuvens brancas” significam nuvens da cor do leite, da neve.
- b) “brancas nuvens” significam momentos cercados de facilidade, de conforto, de alegria; sem sofrimento.
- c) Sempre que se muda o adjetivo de lugar, muda-se o sentido do substantivo.
- d) A mudança de posição do Adjetivo Brancas foi o recurso que o poeta utilizou para provocar a alteração de sentido.
- e) O autor faz um jogo de palavras utilizando o mesmo adjetivo e substantivo.

8. Lépida e leve

Língua do meu Amor velosa e doce,
que me convences de que sou frase,
que me contornas, que me vestes quase,
como se o corpo meu de ti vindo me fosse.

Língua que me cativas, que me enleias
os surtos de ave estranha,
em linhas longas de invisíveis teias,
de que és, há tanto, habilidosa aranha...

[...]

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,
amo-te como todas as mulheres
te amam, ó língua-lama, ó língua-resplendor,
pela carne de som que à ideia emprestas

e pelas frases mudas que proferes
nos silêncios de Amor!...

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (fragmento).

A poesia de Gilka Machado identifica-se com as concepções artísticas simbolistas. Entretanto, o texto selecionado incorpora referências temáticas e formais modernistas, já que, nele, a poeta

- a) procura desconstruir a visão metafórica do amor e abandona o cuidado formal.
- b) concebe a mulher como um ser sem linguagem e questiona o poder da palavra.
- c) questiona o trabalho intelectual da mulher e antecipa a construção do verso livre.
- d) propõe um modelo novo de erotização na lírica amorosa e propõe a simplificação verbal.
- e) explora a construção da essência feminina, a partir da polissemia de “língua”, e inova o léxico.

9. O sedutor médio

Vamos juntar
Nossas rendas e
expectativas de vida
querida,
o que me dizes?
Ter 2, 3 filhos
e ser meio felizes?

VERISSIMO, L. F. *Poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.*

No poema O sedutor médio, é possível reconhecer a presença de posições críticas

- a) nos três primeiros versos, em que “juntar expectativa de vida” significa que, juntos, os cônjuges poderiam viver mais, o que faz do casamento uma convenção benéfica.
- b) na mensagem veiculada pelo poema, em que os valores da sociedade são ironizados, o que é acentuado pelo uso do adjetivo “médio” no título e do advérbio “meio” no verso final.
- c) no verso “e ser meio felizes?”, em que “meio” é sinônimo de metade, ou seja, no casamento, apenas um dos cônjuges se sentiria realizado.
- d) nos dois primeiros versos, em que “juntar rendas” indica que o sujeito poético passa por dificuldades financeiras e almeja os rendimentos da mulher.
- e) no título, em que o adjetivo “médio” qualifica o sujeito poético como desinteressante ao sexo oposto e inábil em termos de conquistas amorosas.

10. LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;
Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520) A mulher com o unicórnio. Roma, Galleria Borghese. Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012. (Foto: Reprodução/Enem)

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- a) apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- b) valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- c) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- d) desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- e) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

- 11.** O Spotify divulgou em janeiro a lista de dez músicas mais tocadas na noite de 31 de dezembro pelos usuários brasileiros do serviço de streaming. A música brasileira atual mais tocada durante a virada no serviço foi "Baile de favela". O funk paulista gravado por MC João também já foi ouvido 39 milhões de vezes no YouTube desde o lançamento, em 16 de setembro de 2015.

Se o DJ holandês Hardwell surpreendeu o público em Brasília e tocou o funk mais famoso do momento, é impossível que ainda não se tenha escutado por aí, seja no carro que insiste em passar com o som alto, seja por meio de um amigo ou até em festas, que "o Helipa" [Heliópolis, comunidade na zona sul de São Paulo] "é baile de favela".

A música que lista bailes funk da periferia de São Paulo tem um refrão impossível de tirar da cabeça. No entanto, toda sua letra pode provocar reflexões acerca da análise morfossintática. Confira a letra abaixo e marque a alternativa correta:

Mc João – Baile de favela

Ela veio quente, hoje eu tô fervendo

Ela veio quente, hoje eu tô fervendo

Quer desafiar, não tô entendendo

Mexeu com Mc João, vai ter que mostrar seu talento

Que o Helipa é baile de favela

Que a Marcone é baile de favela

E a São Rafael é baile de favela

E os menor preparado tudo pra dançar com ela (vai)

Eliza Maria é baile de favela
Invasão é baile de favela
Nas casinhas, hoje tem baile de favela
E os “menor” preparado tudo pra dançar com ela (vai)

Que o Hebron é baile de favela
A Bailão é baile de favela
E na rua 7? Baile de favela!
E os “menor” preparado tudo pra dançar com ela (vai)

- a) Em “E os “menor” preparado tudo pra dançar com ela”, o adjetivo “preparado” cumpre papel de predicativo do sujeito.
- b) A oração “Ela veio quente” segue a estrutura sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito.
- c) O nome da música contém uma expressão que equivale a um adjetivo: “de favela”.
- d) A expressão que caracteriza os bailes de São Paulo não pode, sintaticamente, exercer função de predicativo do sujeito, pois não é um locução adjetiva.

Sugestão de material extra

Adjetivo:

- Receita de mulher - Vinicius de Moraes: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/receita-de-mulher>
- Paratodos - Chico Buarque: <https://letras.mus.br/chico-buarque/45158/>
- Adjetivo - Sujeito simples: <https://www.youtube.com/watch?v=WzDGoLVAofQ>

Numeral:

- <http://www.paulohernandes.pro.br/dicas/001/dica159.html>
- Pirueta - Chico Buarque <https://letras.mus.br/chico-buarque/86032/>

Gabarito

1. A
2. C
3. B
4. C
5. D
6. "É infantil; será incorreta; mas é nossa; é americana" - O adjetivo relacionado a "balbuciar" e "embrionária" é "infantil".
7. C
8. E
9. B
10. C
11. C